

O PAPEL DA ESCOLA DIANTE DA ESCOLHA DA POPULAÇÃO CAMPONESA: PERMANECER OU SAIR DO CAMPO

Mari Selo Ferreira Batista de Oliveira¹

José Guilherme Franco Gonzaga²

RESUMO

O presente trabalho tratará de uma pesquisa a partir das concepções de estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracy Vieira do Amaral, bem como de jovens/adultos, moradores do território do educandário, situada no Sexto Distrito – Touro Passo do município de Rosário do Sul-RS. O trabalho terá por objetivo refletir sobre o papel da escola na permanência ou saída do jovem/adulto do campo, considerando questões que levam a pessoa tomar tal decisão. Serão contextualizados os dados coletados a partir das observações diárias, conversas informais e questionários, aplicados com alguns jovens/adultos que possuem ou possuíram vínculo com o território investigado, onde os processos de sair ou permanecer no campo em busca por estudo, trabalho, renda e lazer serão abordados, levando em consideração o papel da escola quanto a interferir ou não nesse processo. Para isso será utilizado como método de coleta de dados observação diária do cotidiano escolar e comunidade, assim como aplicação de questionário com jovens/adultos com faixa etária entre 13 e 45 anos, moradores e não moradores da localidade, que em algum momento de suas vidas tiveram vínculo com esta escola e território. Durante a realização da pesquisa será considerado o distanciamento entre a escola e os dilemas cotidianos da juventude, considerando a aproximação e envolvimento escola/comunidade para que a juventude se reconheça como do campo e tenha a escola como um espaço de socializar e debater acerca das escolhas que farão.

PALAVRAS-CHAVE: Permanecer no Campo. Sair do Campo. Sentido da Escola. Trabalho.

1. JUVENTUDE DO CAMPO: TERRITÓRIO DA PESQUISA

O presente trabalho trata de uma pesquisa sobre o sentido da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracy Vieira do Amaral situada em Touro Passo, 6º Distrito do município de Rosário do Sul – RS, para a população do território onde a escola está inserida. Foram entrevistados estudantes e egressos que contemplam a idade entre 13 e 45 anos. Os sujeitos com os quais buscamos dialogar nesta pesquisa são em

¹ Mari Selo Ferreira Batista de Oliveira: Acadêmica do Curso Especialização em Ensino de Ciências e Educação do Campo. Universidade Federal do Pampa. E-mail: msfoliveira81@gmail.com

² José Guilherme Franco Gonzaga: Professor Adjunto – UNIPAMPA – joguigon@gmail.com

sua maioria filhos de famílias pertencentes à agricultura familiar e de famílias empregadas de fazendas e lavouras existentes na região.

O Município de Rosário do Sul, segundo documento do Núcleo de Estudos Agrários da UFRGS (MEDEIROS, 2012), em 2012 tinha um índice GINI de concentração fundiária correspondente à 0,751. Considerando que o índice tem uma escala aonde o valor 0 (zero) corresponde à igualdade de distribuição de terras e o valor 1 (um) corresponde ao mais alto grau de concentração, podemos concluir que o Rosário do Sul apresenta um grau de concentração elevado. Essa informação, conforme veremos adiante, tem impacto no tema estudado neste trabalho.

O território é constituído de pequenos e médios estabelecimentos de pecuaristas familiares, distribuídos entre grandes propriedades. Talvez pela concentração fundiária apresentada no parágrafo anterior, nessa localidade não visualiza-se união entre as famílias para um trabalho coletivo, cada família trabalha individualmente, não funcionando nenhum tipo de associação ou movimento social, tampouco alguma reunião de lazer, como jogo de futebol, rodeio ou bailes. Observa-se que nesse espaço o vínculo com o território é mais com lugar, onde pertencer àquele território é o discurso empregado nas falas dos moradores, não ouve-se em nenhum momento posicionamentos que remeta à pertença a uma comunidade, grupo ou associação. Quando perguntado de onde são, a referência é o lugar e não a comunidade. Um bom exemplo disso é que ao ser perguntado responde-se “Sou do Touro Passos”, ou “Sou do Caverá”, mas a mesma pergunta feita para alguém de um território quilombola que fica na mesma região, a resposta seria “Sou da comunidade do Rincão da Chirca”.

Neste trabalho, procurou-se perceber o sentido da escola e a possibilidade desta contribuir com a permanência da população no campo e a implicação do trabalho escolar na decisão sobre a permanência ou saída, visto a escola atender jovens moradores da região, que tem o educandário como espaço para apropriação do conhecimento.

O objetivo principal é tentar compreender o que pensa a população que frequenta esta escola, buscando com isso melhorar sua participação no processo de ensino aprendizagem e atuação no seu ambiente de origem, visto que supõe-se viver em uma comunidade, mas como já foi dito não há vínculos comunitários nesta localidade.

2. JUVENTUDE DO CAMPO: MÉTODOS E ABORDAGENS

Para elaborar o presente trabalho tomou-se por base a relação que a autora possui com a escola e o território investigado, visto a mesma residir na localidade, onde, com observações diárias da comunidade escolar e arredores foi possível coletar informações informalmente do ambiente, bem como do comportamento dos jovens estudantes do educandário e moradores do território. Diante disso, TRIVIÑOS (1990), aponta que a pesquisa deve estar de acordo com a realidade do pesquisador ou com a prática que realiza profissionalmente. Estar inserido no ambiente de pesquisa, segundo o autor, é propício para compreender o contexto, isso VERGARA (2004) também aborda, quando diz que é nesse processo que o pesquisador interage com o meio investigado.

Com base na vivência da autora e a partir de conversas informais, como as citadas por MIGNOLO (2003: 11-12), questionários e entrevistas outros sujeitos envolvidos na pesquisa expuseram suas certezas, dúvidas e inquietações, no que se refere a permanecer ou sair do campo e o sentido da escola para esta decisão. Também, no decorrer desse tempo, realizou-se visitas a moradores do território da escola, sendo realizado diálogos com famílias que possuem jovens que concluíram a educação básica e permaneceram no campo, assim como às famílias, onde jovens migraram para a zona urbana em busca de estudo e trabalho, e também com aqueles que pararam com os estudos para trabalhar em suas propriedades rurais, pois é importante ouvir o jovem que fizeram e fazem parte da escola e comunidade do campo.

Autores, como ALVES, CASTRO, MARTINS E LIBÂNEO, assim como artigos que abordam os temas presentes neste trabalho deram sustentação e foram tomados como referência para sistematizar a questão de permanência ou saída de jovens do meio rural, levando em consideração as dificuldades enfrentadas por alunos para a permanência na escola e no campo, identificando o sentido da escola na permanência do jovem no campo.

Também foi aplicado um questionário com moradores da localidade, que possuem ou possuíram vínculo com a escola do campo e continuaram morando no ambiente rural, bem como, com aqueles que saíram do campo e migraram para cidade com a finalidade de estudar e trabalhar. O questionário foi aplicado com jovens/adultos

entre 13 e 45 anos e foi uma forma de interação social com os sujeitos envolvidos, pois, com essa prática foi possível obter informações acerca do posicionamento do entrevistado sobre o que é ou foi a escola no processo de formação de cada um. Foram aplicados 18 questionários, sendo nove com pessoas do sexo masculino e nove do sexo feminino, em comum a todos os entrevistados está o fato de estudar ou terem estudado na escola referência desta pesquisa. Do total de entrevistados, sete residem na cidade, sendo estes cinco mulheres e dois homens, os outros onze entrevistados têm residência permanente no campo, sendo sete homens e quatro mulheres, o que faz pensar na porcentagem maior de homens a permanecer no campo.

Por meio deste questionário buscou-se informações para analisar questões como: o sentido da escola para a vida do jovem e para a realidade afetiva e profissional; a contribuição da escola para a permanência no território; temas considerados importantes de ser abordados na escola do campo; se a escola frequentada pelos entrevistados aborda assuntos relacionados com a vida no campo; o que é feito nos momentos de lazer e o que gostariam que tivesse no território que proporcionasse entretenimento; em que a escola frequentada contribui (contribuiu) profissionalmente na vida de cada um; se percebem relação dos conteúdos vistos na escola com o cotidiano do campo; quais as perspectivas em relação ao futuro; preferência em relação a escola/trabalho/campo/cidade; pontos positivos ao ter acesso a uma escola no território; pontos positivos e negativos em ser jovem morador do campo; pretensões em relação ao futuro; apoio da família. Essas foram algumas questões que deram suporte às entrevistas e aos diálogos realizados com os envolvidos nessa pesquisa.

No decorrer do tempo de elaboração deste trabalho, que deu-se no período do segundo semestre do ano de 2016 e primeiro semestre do ano de 2017, das observações, conversas e aplicação de questionário, foram reunidos dados quanto às opiniões e posicionamentos dos sujeitos envolvidos, sendo que a partir dessa construção coletiva resultou uma pesquisa qualitativa.

Buscou-se, por fim, com a sistematização desses dados entender o processo de permanência ou saída dos jovens do campo, e isso foi possível para a autora, diante das conversas e vivências na escola como estudante, em um primeiro momento, como vizinha, amiga de algumas famílias de estudantes e por fim como

estagiária neste educandário, pois, ao estar em contato com o território pode-se, com a colaboração do professor orientador da pesquisa, lançar um olhar imparcial para as questões que se apresentaram diante dos dados coletados acerca do tema do trabalho.

2.1. JUVENTUDE DO CAMPO: NECESSIDADE DE ESCOLHAS

Tanto quanto a educação, habitar um determinado território é um direito do ser humano, porém as condições para que os jovens permaneçam ou mantenham os laços com o campo, muitas vezes é árduo, visto as dificuldades enfrentadas pelos mesmos em permanecer em territórios, no qual não se garante acesso aos direitos básicos, como educação, saúde, lazer e outros. Além da precariedade das vias de acesso, desvalorização social, desvalorização econômica do trabalho realizado no campo, descaso do poder público para com as escolas que comprometem a permanência do jovem na zona rural e conseqüentemente a sucessão familiar, agravando o êxodo rural e o esvaziamento do campo (PERIPOLLI, 2011; TOLEDO E TONI 2016).

Diante disso, é pertinente se posicionar sobre os modelos de desenvolvimento em disputa. O campo precisa ser mais que um espaço de produção, precisa ser um espaço de vida, onde os jovens possam ter acesso às atividades diversas (saúde, educação, lazer, cultura), sem precisar sair do seu território e sem ser desvalorizado socialmente.

Essa pesquisa buscou compreender o sentido da escola para os moradores da região do Sexto Distrito, Touro Passo. A escola, que deu base para os levantamentos de campo, está situada a 50 Km da sede do município, oferecendo aulas quatro vezes na semana em turno integral. A maioria dos professores são oriundos da zona urbana, onde, é frequente, por motivos de transporte, má conservação das estradas e condições climáticas não haver aula no educandário por dias consecutivos, levando professores e alunos demonstrarem desânimo e comprometimento no processo de ensino e aprendizagem. Com essa realidade, ao jovem muitas vezes é negado o direito de estar na escola. A partir disso, pensa-se no sentido do educandário no que se refere à valorização da própria escola, do território, do professor, do aluno e conseqüentemente na permanência do jovem no campo, visto a realidade vivida, onde é pertinente uma escola que ouça a comunidade a qual faz parte, dialogando que a

educação do campo, nesses territórios, é um direito e que os sujeitos tenham consciência disso.

Um direito ainda a ser conquistado, pois, conforme análise dos próprios alunos do educandário, ao abordarem os problemas enfrentados pela escola para começar suas atividades no ano letivo de 2017, destacam às mas condições das estradas e falta de transporte, confirmando aí a negação ao direito de estar na escola por esses alunos. Percebe-se que os mesmos, sem se dar conta, possuem análise crítica e política quanto aos impasses que permeiam o andamento das aulas, pois os alunos estão inseridos a essa realidade.

Tais análises, dos alunos, são possíveis perceber diante dos relatos e escritas frente a um trabalho com redações realizado por conta do Relatório de Projeto Interdisciplinar: Trabalho como Princípio Educativo (OLIVEIRA, QUADROS, VELOSO: 2017), do Curso Educação do Campo.

“O atraso das aulas aconteceu devido as estradas estarem ruins e a prefeitura não ter transporte para transportar os alunos para a escola”.
(Conforme redação de aluno do oitavo ano, 14 anos)

“Perder aula nunca é bom, ainda mais se forem muitos dias, ou um mês como foi aqui. As férias aumentaram mas em compensação ficamos com muitas matérias atrasadas, esse esforço dificulta o aprendizado dos alunos. Deviam investir mais em transportes escolares e também nas estradas. Esse atraso só tem pontos negativos para o ensino”. (Conforme redação de aluna do nono ano, 15 anos) (OLIVEIRA, QUADROS, VELOSO: 2017)

Diante do atraso do ano letivo e a necessidade prevista pelo poder público em conter gastos, optou-se este ano, por haver aula quatro vezes na semana em turno integral, ou seja, manhã e tarde, de segunda a quinta. No entanto, muitos alunos residem longe da escola e necessitam madrugar para pegar o transporte escolar, retornando somente à tarde, diante disso, conforme abordagem dos professores, os mesmos demonstram cansaço durante as aulas, pois alguns alunos retornam da escola para suas residências chegando em casa à tardinha e no dia seguinte tem que madrugar novamente.

“Quando tem aula todo dia na minha escola é muito ruim, por que a gente cansa muito, por exemplo, eu me levanto, para ir para escola e fico muito cansada por que cansa muito ficar todo dia na escola, principalmente quando temos que levantar cedo”. (Conforme redação de aluna do 8º ano, 13 anos) (OLIVEIRA, QUADROS, VELOSO: 2017)

O descrito nos leva pensar se ao jovem está dando-se a real atenção, se está pensando-se nas reais necessidades desses sujeitos por parte da escola e poder público. Sendo assim, de que maneira querer que o jovem veja pontos positivos no ambiente em que estão inseridos e que sintam prazer em estar na escola. Ainda assim em situações aonde a escola sai de sua rotina é possível perceber a alegria dos jovens em ali estar, durante festas, oficinas, gincanas, fato que comprova-se em uma das redações em que uma jovem estudante da escola sugere *“Mas eles poderiam mudar. Ter mais passeios, talvez nós podíamos ter aulas ao ar livre. Eu adoraria estudar artes, desenhar o que está ao meu redor, descobrir coisas novas”* (aluna de 6º ano, 11 anos) OLIVEIRA, QUADROS, VELOSO (2017). A redação desta estudante nos leva pensar como é importante uma escola com ambiente democrático, onde as diferentes vozes sejam efetivamente ouvidas.

Por outro lado, alguns jovens, que residem neste território e frequentam esta escola, apresentam dificuldades de aprendizagem, no entanto, no que se refere ao trabalho realizado por suas famílias, os mesmos demonstram sabedoria ao falar sobre, percebe-se a participação de alguns adolescentes no trabalho realizado nas propriedades. Tarefas como, ajudar na lida de campo (manejo de gado e ovelha), na ordenha das vacas, na limpeza dos locais de trabalho, no racionamento diário de animais, nos processos de plantação e colheita e de tosquia de ovinos são atividades pertinentes a estes jovens. Visto que está se falando de agricultura e pecuária familiar em pequenas e médias propriedades. Com isso, ao interagir com esses adolescentes percebe-se que a maioria sente prazer com o que faz, sentem-se realizados ao retornar da escola para casa, montar um cavalo, e ir para o campo ajudar na “lida”. Nesse sentido, pergunta-se: o trabalho os realiza mais que a escola?

Com essa realidade é instigante entender o que leva o jovem permanecer no campo e como a escola interfere nesse processo, quando percebe o interesse ou desinteresse do jovem pelo que é oferecido na instituição de ensino. Entender como a escola dialoga com a realidade da juventude presente nesse educandário é necessário, para compreender o processo de permanência ou não dos jovens no campo.

2.1.1. JUVENTUDE DO CAMPO: DIREITO À ESCOLA NO E DO CAMPO

O campo constitui um universo social que faz parte da sociedade em geral, porém possui características que o diferencia, como a relação com a terra, o trabalho e modos de viver. Ao problematizarmos a juventude que pertence a este lugar, muitas vezes aparecem dilemas, no que se refere a tomadas de decisões, em relação a possível saída ou permanência do meio rural, onde as perspectivas, sobre as melhores condições intelectuais e profissionais influenciam nessa decisão.

O fato de pertencer ao campo, de trabalhar em seus lugares de origem, de estar com sua família, rebate com a busca por qualificação e oportunidades fora do meio rural, pois ainda são remotas as oportunidades para qualificação profissional sem precisar sair do campo, com isso, a escolaridade tem influência na mobilidade das populações do campo, como afirma ALVES:

A persistência de baixos investimentos na escola primária (ensino regular) e os baixos níveis de escolaridades da população rural acabam conduzindo os menos letrados a transpor barreiras da mobilidade levando as famílias a migrar. A maior escolaridade intensifica e antecipa o êxodo (ALVES, p.30, 2006).

No entanto, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, afirma que pode-se ser educado em família, no trabalho, na escola, no meio em que está inserido, com isso, reconhece que espaços extraescolares são lugares de aprendizagem, porém conceitos teóricos, baseados em estudos científicos exigem a busca pelos bancos tradicionais de ensino, levando muitos jovens migrar para centros urbanos.

Para que não fosse necessária essa migração, outras metodologias deveriam ser ajustadas ao ensino ofertado no campo, como a que sugere a LDB, Artigo 28, uma outra forma de ensino no campo, onde a realidade do campo seja considerada. Como pode-se ver a seguir:

Art. 28 – Na oferta da Educação Básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;
- III – adequação a natureza do trabalho na zona rural.

Acerca disso, deve-se considerar os conhecimentos existentes e adquiridos no meio familiar, no trabalho e na convivência em sociedade no território de origem dos jovens é pertinente, tendo a sala de aula como um lugar de socialização e

sistematização dessas experiências. Para isso as políticas públicas preveem a pedagogia de alternância como uma forma de garantir o ensino às populações do campo, não sendo necessária a migração dessa população para os centros urbanos. Pensar formas de garantir a vida no campo, com qualidade e acesso ao que é de direito dos sujeitos que habitam esses territórios é necessário, possibilitando ao jovem permanecer no campo com condições de evoluir economicamente, culturalmente e intelectualmente. Evitando o êxodo forçado quando por vezes é visto jovens migrando para cidade, por não ver seu ambiente de origem como um lugar que lhe permita viver com dignidade.

Contudo, CASTRO (2012), aborda que os jovens que vivem no campo são rodeados de diversidade sociais, culturais e econômicas. Entretanto, essas condições por si só não definem a permanência dos mesmos nesses territórios que ao almejam formação acadêmica, melhores condições de trabalho, acesso à cultura, maiores rendas os jovens acabam por considerar a migração do campo para a área urbana como uma das possibilidades de melhorar as condições de vida.

Entre estas preocupações, surge com maior destaque a busca pela continuidade dos estudos e a formação acadêmica. Para isso, pensar no currículo escolar vigente nas escolas do campo é necessário, pois esse ambiente tem e sempre teve sua identidade, sua história, sua cultura, o que torna o campo tão importante quanto a cidade. Os currículos de maneira geral não são pensados para os sujeitos do campo, o que leva a escola ofertar ao aluno um ensino voltado para realidades urbanas, sendo assim, a escola toma por base os currículos e o executa ficando a critério do educador a educação contextualizada.

Também é possível perceber, como nos diz ARROYO (2017), MARTINS (1995), que a visão hegemônica enxerga o campo como lugar de atraso, representada na imagem de personagens como Jeca Tatu, *Mazzaropi*, entre outros, como lugar sem cultura, de saberes menos valorizados, onde poucas letras dão conta de atender esses sujeitos, onde apenas noções básicas é necessário aos sujeitos desses espaços.

“A história do pensamento pedagógico desde a colonização e desde o trato dos trabalhadores como escravos, não como humanos, foi marcada e continua marcada por não pensar os trabalhadores, sobretudo do campo, como educáveis, mas apenas como alfabetizáveis, como letráveis” (ARROYO, 2017).

Com isso, influenciados por estas ideologias alheias, alguns jovens veem o campo como lugar de atraso e a cidade como lugar de progresso, a partir do momento de que ao jovem do campo é atribuído certo desmerecimento à sua cultura, levando-o a buscar por uma nova identidade. No entanto, MARTINS (1995) aborda que as características tradicionais, de um determinado lugar são essenciais, pois tais características viabiliza o lugar a adquirir meios de produção, pois o campo possui extraordinárias variedades de características próprias que o permite desenvolver-se.

ARROYO (2017) aponta que embora ainda exista comodismo e aceitação por parte dos povos do campo ao que lhe é oferecido, as lutas pelos reconhecimentos dos direitos desses povos já são frequentes, mesmo que o sistema, para sair da responsabilidade, remeta-a aos próprios sujeitos do campo, quando atribui a defasagem do ensino do campo à distância, às estradas mal conservadas e até mesmo à abnegação dos sujeitos pela educação. Essa responsabilização não é mais aceita pelos movimentos sociais e os moradores do campo, que exigem uma educação que lhes garanta o direito à educação que respeite suas identidades, seus territórios, saberes e formas de viver.

Diante do descrito acima, pensar o sentido da escola é necessário, quando por vezes a mesma tem sua prática pedagógica baseada na cópia e reprodução, deixando de contextualizar o conteúdo com o contexto a que está inserida, assim tornando o território menos interessante para o jovem (ARROYO, 2017). É preciso desvincular-se da ideia que o campo remete ao arcaico e esse processo cabe a escola realizar, afim de permitir que o jovem, se resolver sair do campo, que o faça consciente do valor do mesmo e do que ele pode oferecer (MARTINS, 1995).

A questão de desigualdade social, também é um fato, onde a desvalorização do trabalho é presente em alguns territórios, levando o jovem desiludir-se quando seu trabalho e produção não são valorizados, talvez a isso, atribua-se a falta de políticas públicas voltadas para o campo, especificamente para a agricultura familiar, e também a ideias de que, o progresso econômico para o campo esteja relacionado com o agronegócio, indo contra as possibilidades de progresso da agricultura familiar (CASTRO, 2012).

E quando acontece a desilusão por parte dos jovens, em relação à permanência no campo, também pensa-se no perfil de escola que está inserida ao

território, onde muitas vezes, trata-se de uma escola com profissionais educadores oriundos da zona urbana, sendo que, para trabalhar nestas escolas seria necessário levar em consideração a realidade de cada aluno, fazendo-o pensar o quanto é importante a valorização do meio em que vivem, trazendo essa realidade para sala de aula, aliando teoria e prática. No entanto, muitos educadores são desmotivados com as condições econômicas que os professores são submetidos, com salários que desmotivam o mesmo fazer um trabalho com práticas de ensino de qualidade, assim como afirma LIBÂNEO:

[...] na prática, os governos têm sido incapazes de garantir a valorização salarial dos professores levando a uma degradação social e econômica da profissão e a um rebaixamento evidente da qualificação profissional dos professores em todo o país. Em outros termos, ao mesmo tempo em que se fala da valorização da educação escolar para a competitividade, para a cidadania, para o consumo, continuam vigorando salários baixos e um reduzido empenho na melhoria da qualidade da formação profissional dos professores. (LIBÂNEO, 2004.p.65).

Porém, acima de tudo, deveria estar o comprometimento com o próximo, no caso, com o aluno, que está à mercê da possibilidade de aquisição do conhecimento transmitido pelo educador, é também pelo trabalho docente que o jovem prepara-se para vida, a partir disso, pensar o sentido da escola em prol da permanência do jovem no campo. Como também no reconhecimento da luta em favor das populações camponesas, para isso, não necessariamente o jovem tenha que permanecer morando no campo, mas que suas raízes sejam fortalecidas em prol da defesa dos direitos e manutenção da identidade camponesa.

2.1.2. JUVENTUDE DO CAMPO: PERMANECER OU SAIR

Nas últimas décadas a educação vem passando por mudanças, desde a educação infantil, ensino fundamental até os cursos universitários. A ampliação e criação de programas, o acesso a bolsas de permanência, têm possibilitado que, pessoas anteriormente excluídas dos bancos escolares, possam ingressar no sistema de ensino. Entretanto, com a nova reforma prevista e proposta pelo governo, que congela por vinte anos gastos com educação, o acesso no que diz respeito à educação, e excepcionalmente quanto a educação rural, correm o risco de ficarem comprometidas e regredir quanto sua estrutura ideológica e econômica. A educação

no meio rural, na sua história, foi questionada pelas falhas na sua estrutura, levando o jovem rural pensar e preferir migrar para cidade e para escolas urbanas.

No entanto, segundo a perspectiva da educação do campo, que pensa o processo educativo a partir de uma “educação básica que assumisse, de fato, a identidade do meio rural, não só como forma cultural diferenciada, mas principalmente como ajuda efetiva no contexto específico de um novo projeto de desenvolvimento do campo” (Conferência Nacional por uma Educação do Campo: Texto base , Brasília 27 a 31 de julho de 1998) é dever da escola do campo levar para seu aluno a conscientização da importância do meio que vive, ver o local não apenas como um espaço agrícola e da pecuária, mas como um local para morar, desfrutar de lazer e construir meios para sobrevivência digna e de qualidade.

A ausência de uma escola do campo, conforme proposta na conferência citada no parágrafo anterior, vem contribuindo para que a zona rural esteja cada vez menos populosa, pois o município com uma população total de 41.363 habitantes, conforme dados de 2007, o 6º Distrito - Touro Passo contava com uma população de 460 habitantes. Atualmente, segundo informações ainda inconclusas do censo agropecuário de 2017, esse número reduziu. Tal realidade é evidenciada pelo envelhecimento das pessoas que lá habitam, pela natalidade diminuída e pelo crescente êxodo do jovem rural, com isso, tenta-se entender o perfil do jovem que ainda mora nesses territórios, quais suas perspectivas em relação ao meio, a escola e o futuro.

Percebe-se que a educação é um dos meios de estimular indivíduos capazes de promover o desenvolvimento rural, sendo assim, a escola é um instrumento essencial para esse processo, porém há a necessidade de aproximar os currículos à realidade do campo, com objetivo de organizar a educação e a escola ter possibilidade de formar pessoas capazes de visualizar as necessidades do sujeito camponês.

A escola, existente neste território, forma jovens no ensino fundamental, que ao concluí-lo permanecem ou deixam o campo. Nota-se que a escola pouco interfere nessas decisões, a instituição realiza seu trabalho e detêm-se em formar alunos no ensino fundamental.

As próprias políticas públicas restringem a este lugar a educação para as “zonas rurais”, conforme documento citado por GERALDI que diz:

Para simplificar a questão, foram estabelecidos dois tipos ou níveis de competências cognitivas: a primeira, denominada tipo 1, para as tarefas ou ocupações mais simples e difundidas; a segunda, para as atividades ou funções mais complexas (tipo 2). Em segundo lugar, deveríamos diferenciar as competências necessárias na cidade e no campo. Para as funções produtivas mais difundidas num processo global de modernização agrícola, deveríamos considerar um patamar mínimo de competências cognitivas equivalentes às quatro primeiras séries do 1o. Grau. Já nas cidades, as funções no setor secundário e, fundamentalmente, no terciário, demandam competências equiparáveis ao Primeiro Grau completo. Para o tipo 2, deveríamos considerar o primeiro grau completo no meio rural e o segundo grau completo no meio urbano. (Ibidem:9-10) (BRASIL, 1994 apud GERALDI, 1999)

Pode-se observar que a proposição para o campo é no máximo o primeiro grau completo, o que pode justificar a ausência de escolas de ensino médio no campo, confirmando novamente as colocações de ARROYO (2017) quando diz que a visão hegemônica é pensar que ao camponês poucas palavras bastam. No município de Rosário do Sul esta afirmação pode ser confirmada, pois não há nenhuma escola de ensino médio nas áreas rurais do município. Obrigando a quem deseja continuar os estudos a migrar para a área urbana ou se submeter as condições precárias, e muitas vezes inviáveis, de transporte.

Percebe-se também, na escola investigada, a falta de interação entre a comunidade e escola, que dá-se somente em reuniões para entrega de pareceres dos alunos, em confraternizações do dia das mães e pais e datas comemorativas pertinentes ao educandário, no entanto, em conversa informal com alguns pais integrantes do CPM (Círculo de Pais e Mestres), os mesmos colocam que sempre são bem recepcionados pela direção, professores e funcionários da escola, porém para assuntos burocráticos não são convocados, não participam das decisões pertinentes ao funcionamento do educandário. De forma que a população de Touro Passos não se sente parte da escola e não sente a escola como parte de seu território: a escola não é dali, *está ali!*

Ao conviver com adolescentes, estudantes do educandário, percebe-se que alguns veem os dias que ficam sem aula como ponto positivo e oportunidade para ajudar nas tarefas cotidianas em suas propriedades. Percebe-se um certo desinteresse pela escola, onde a mesma estando em atividade torna-se um atrapalho

às tarefas que poderiam realizar se estivessem em casa, pois, estando em casa alguns adolescentes podem ajudar na “lida” cotidiana das propriedades. Diante dessa percepção, é propício pensar que o jovem quando expõe-se dessa maneira está transferindo um recado à escola, pois fica nítido que a mesma, talvez, não esteja trabalhando de acordo com as necessidades e realidades dos alunos, diante das tarefas que os mesmos realizam em suas residências, e isso é perceptível quando os adolescentes preferem o trabalho familiar a ir para escola, é como se a escola não fizesse parte do território e do cotidiano dos jovens.

Com isso, quando o jovem expõe que a escola atrapalha sua vida, o mesmo está sugerindo que a escola deve mudar seu modo de trabalho. Que ele, “aluno”, está ali para estudar, brincar, interagir, e a escola tem que adequar-se ao seu modo de vida, à sua realidade, atender não só as necessidades futuras desses jovens, mas também as suas necessidades imediatas, caso contrário, a mesma não será interessante para ele.

2.1.2.1. JUVENTUDE DO CAMPO: PERMANECER OU SAIR, ESCOLHA OU IMPOSIÇÃO?

Diante das conversas, citadas na metodologia, ao interagir com os adolescentes, percebe-se que nem todos os jovens têm intenção de migrar para os centros urbanos. Fato que comprova-se quando ouve-se: *“Quero cuidar dos meus bichos, estou criando meus bichos.”*, abordagem de um adolescente, estudante da escola e residente no território com seus familiares, ao falar da sua criação de bovinos e ovinos. Também é comum ouvir os adolescentes atribuírem o fato de haver aula em turno integral como algo ruim, pois isso os cansa e não permite que os mesmos envolvam-se com o trabalho ao chegar em casa, visto que a maioria desses alunos residem distante da escola e por conta disso chegam viajar até duas horas para chegar ao educandário.

Ao conversar com um pecuarista familiar, morador do território, o mesmo expõe que concluiu a formação básica em uma escola urbana contra sua vontade, pois seus pais tinham propriedade no campo e o mesmo não via vantagem alguma em ir para a cidade estudar, por conta da escola situada no território, na época, trabalhar até o

quinto ano. Ele queria permanecer no campo e ajudar seu pai cuidar da propriedade, e assim o fez, concluiu o ensino médio e retornou para o campo, onde reside, diferente de seus irmãos que continuaram com os estudos e concluíram a formação superior. Durante a conversa demonstrou preocupação com a conservação da propriedade da família ao dizer que, se não tivesse contrariado a vontade de sua mãe, que, queria vê-lo cursando um curso superior, quem estaria cuidando da propriedade hoje, visto ser uma propriedade pequena e os mesmos não tendo como manter um funcionário para cuidá-la. Apesar das dificuldades para manter-se no campo, não arrepende-se da escolha que fez, pois sua renda depende das safras de comercialização de lã ovina, de carneiros e gado de corte, sendo assim, sua renda não é fixa, nem mensal, o mesmo tem que trabalhar muito para que seus animais produzam com qualidade afim de ter uma boa comercialização.

Por outro lado, há os que resolvem deixar o campo e migrar para os centros urbanos, ora por vontade própria, ora por influência da família, que consideram a vida no campo árdua e com retorno financeiro lento. Por conta disso resolvem deixar o ambiente rural em busca de estudo e trabalho nos centros urbanos, e, em consequência, muitos rompem os laços com o ambiente camponês. Fato que pôde-se concluir ao conversar informalmente com uma jovem, filha de moradores da região, que viveu no campo até seus quatorze anos, e ao sair para estudar, não mais retornou, a mesma quase nunca visita a localidade, pois hoje seu pai já é falecido e sua mãe reside na cidade. Ao ser questionada, a ex-moradora, hoje com trinta e quatro anos, diz não gostar do campo, pois o mesmo não a permite trabalhar e ganhar dinheiro, não oferece conforto e tampouco lazer, enfim, não há o que fazer no campo, segundo ela.

Esse posicionamento remete pensar que o território desta escola não oferece oportunidades ao jovem, não há vida social, é visto apenas como lugar de trabalho por quem ali reside, pois cada morador dessa localidade trabalha para sua sobrevivência, e se tiver intenção de estudar e se divertir terão que dirigir-se à cidade.

Outra realidade são os adolescentes que resolvem parar de estudar para trabalhar em suas propriedades familiares ou como empregados em fazendas e lavouras de propriedades vizinhas de suas residências. Esses adolescentes, ao começarem a ter contato com o trabalho e tendo algum retorno financeiro por conta

disso, passam a ver o mundo do trabalho mais interessante que a escola, que torna-se, na concepção do jovem, não atrativa e contribuinte para sua vida e para o trabalho que realizam. Para esses adolescentes, trabalhar com o que gostam, seja com pecuária, seja com agricultura os satisfazem, o que faz pensar que, se a escola que frequentam não trabalha os conteúdos curriculares de acordo com a realidade do aluno e do território, a mesma torna-se desnecessária para o jovem que acaba evadindo da mesma. Esses adolescentes começam faltar muitas aulas, esperam atingir a maioridade e evadem de vez do ambiente escolar.

Contudo, o trabalho que exercem em seus cotidianos, também contribui para a vida desses adolescentes, pois o conhecimento que adquirem através da prática diária do trabalho os fazem profissionais em suas áreas e conseqüentemente os mantem no campo. Ao ouvi-los falar sobre tal decisão é notável que fazem esta escolha, de parar de estudar para trabalhar, porque gostam e identificam-se com ambiente rural e não veem a escola contribuindo para o trabalho que realizam, segundo eles, gostam é da campanha (campo) e da lida (trabalho) do campo, e não sentem vontade de deixar o espaço rural.

Também, nesses momentos de diálogos, obtidos na escola, entre os alunos, percebe-se que, várias são as formas de pensar dos estudantes do campo, onde alguns tem a escola como importante para seu desenvolvimento intelectual e pessoal, visto que ao estar no ambiente escolar o jovem expõe suas vivências e pretensões quanto a seus futuros, como o de migrar para os centros urbanos em busca de estudo e trabalho ou de parar de estudar e trabalhar nas propriedades junto às suas famílias ou até mesmo em fazendas e lavouras da região, como empregados assalariados.

Durante as visitas aos moradores do território do entorno da escola, foi possível constatar diversos os posicionamentos, pois algumas famílias, de pequenos produtores, veem a escola e o aprendizado como um meio para o jovem viver outra realidade, diferente das suas, que julgam ser uma realidade difícil, marcada pelo trabalho laborioso do dia a dia. Pois, as famílias explanam que a realidade do pequeno produtor é trabalhar, produzir para obter o sustento da família e garantir renda nas épocas de safra, visto que na região a população não adere à produção para comercialização em feiras semanais e sim à criação de bovinos e ovinos, onde são comercializados carne e lã em épocas determinadas, mais precisamente anualmente,

sendo assim, almejam para seus filhos outro modo de vida, onde possam estudar e trabalhar com a certeza que ao findar o mês terão seus salários garantidos.

Também é pertinente abordar a realidade de quem trabalha nas fazendas e lavouras, fato que comprova-se quando ouve-se o seguinte comentário: “*estudar para ser alguém na vida*”, abordagem de um pai de adolescente estudante da escola, que remete à realidade do campo o sacrifício de sobreviver dignamente, diante da realidade de trabalho a qual se submetem ao trabalhar como agregados em fazendas ou lavouras da região.

A partir dessas observações e diálogos, é importante pensar e entender o jovem pertencente a esse território, suas inquietações, opiniões e relação que estabelece com a escola, assim como, entender o sentido da escola para com esse aluno. Para isso, a aplicação do questionário, presente nos apêndices deste trabalho foi excencial, sendo que, ao aceitar participar da pesquisa os jovens entrevistados foram responsáveis sobre suas respostas. Com essa prática foi possível compreender melhor as percepções dos moradores do território da escola acerca da decisão entre permanecer e sair do campo, bem como, se a escola interfere nessas resoluções.

2.1.2.2. JUVENTUDE DO CAMPO: ANÁLISE DOS DADOS

Um dos instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa, foram entrevistas realizadas por meio de questionários, dentre os quais questionou-se temas importantes a serem tratados pela escola. Entre os temas considerados importantes de serem abordados na escola, destacou-se os assuntos relacionados a realidade do campo, sendo que o trabalho realizado nesse território foi o que teve maior escolha, pois segundo os entrevistados, aos alunos moradores do campo é pertinente assuntos conforme suas vivências. No entanto, quando questionados se percebem alguma relação dos conteúdos vistos na escola com suas realidades, das dezoito entrevistas, dez responderam que não percebem essa relação em sala de aula, apenas quando é ofertado na escola palestras, com palestrantes convidados a falar sobre assuntos pertinentes ao campo. Porém, um entrevistado diz que mesmo a escola não abordando frequentemente assuntos do campo, a mesma é muito importante, visto

que, o aluno ao ser alfabetizado poderá interpretar a indicação de um medicamento ou ler instruções de algum equipamento.

Ao considerar as demais respostas do questionário vê-se que cada participante possui suas inquietações ao falar sobre o assunto abordado. Os entrevistados que migraram para a cidade, alegam que o fizeram por questões financeiras, por não ter oportunidade de estudo e trabalho no campo, ao contrário da zona urbana, que na concepção dos mesmos oferece mais opções de emprego. No entanto, dos sete entrevistados que residem na cidade, apenas dois concluíram o curso técnico, um em enfermagem, outro técnico agrícola, os demais concluíram o ensino fundamental, na escola citada neste trabalho, e não conseguiram ir adiante nos estudos, pois ao migrar para cidade deparam-se com despesas não tidas no campo, por conta disso tiveram que trabalhar para manter-se. O que permite refletir sobre o pensamento ilusório acerca da realidade urbana, quando nem tudo que parece é, e o acesso à educação, ao trabalho valorizado nem sempre é ofertado a todos de forma igualitária. Essa realidade GONZAGA (2006, pág. 59) ajuda compreender quando aborda em sua dissertação de mestrado, que a cidade representa, para o camponês, o sonho daquilo que deseja – emprego, educação, saúde, reconhecimento como cidadão, fim de jornadas extensas de trabalho, possibilidade de ganhar e acumular dinheiro. Mas, a realidade não é bem essa, e na maioria das vezes a cidade se apresenta como um pesadelo, uma ilusão, violência, falta de infra-estrutura, falta de acesso a moradia, condições precárias de saúde, educação, transporte.

Os que permaneceram no campo dizem que fizeram essa opção por gostar do ambiente rural apesar das dificuldades enfrentadas para a sobrevivência, como o retorno financeiro mais lento. Os mesmos alegam que o campo oferece qualidade de vida, onde pode-se plantar, colher e consumir alimentos mais saudáveis, ao contrário da cidade que na concepção dos entrevistados tudo é a custa de dinheiro.

Ao analisar as respostas sobre o que se considera essencial na escola, destaca-se a resposta de um jovem, morador do campo, que ao responder o questionário expressou a importância da escola, pois *“a pessoa analfabeta não terá como ler a bula de um medicamento receitado, seja para uma pessoa ou para um animal”*. Entretanto, este jovem, com 26 anos, que cursou até o 6º ano do Ensino Fundamental, deixa claro que não pretende voltar estudar e sua vontade é continuar

morar no campo, o mesmo diz que ao decidir parar de estudar, a escola que frequentava não o questionou em nenhum momento. Fato em comum em todas as respostas, quando perguntados sobre o posicionamento da escola ao decidirem parar com os estudos, todos responderam que não houve questionamento desta decisão por parte da escola.

Contudo, considerando a vivência da autora em observações do trabalho diário nesta escola, participando de reuniões pedagógicas e rodas de conversas com professores e alunos pode-se perceber que o posicionamento dos professores, a respeito da permanência ou não do jovem no campo, varia de um para outro, pois alguns afirmam que sentem necessidade de entender a realidade dos jovens com os quais trabalham, para assim adotar a metodologia apropriada, metodologia essa, que poderá basear-se na realidade a qual os alunos estão inseridos, onde possam contextualizar os conteúdos com as vivências dos educandos, para que os alunos consigam melhor compreender o que estão vendo em sala de aula, e que também percebam o quanto a escola faz parte e contribui para seus cotidianos. Já para outros educadores é indiferente estar em escola do campo ou escola urbana, a não ser pelo fato de as escolas do campo possuir turmas com número reduzido de alunos, pois a metodologia adotada é a mesma para as duas realidades, seja urbana ou rural. Conforme os professores, os conteúdos são os mesmos, no campo ou na cidade, e segundo eles, quando esses alunos concluírem o fundamental nessa escola irão para uma escola urbana, no entanto, não sendo necessário trabalhar de forma diferente na escola do campo.

No entanto, considera-se as condições de trabalho as quais os professores são submetidos, pois os mesmos enfrentam altas madrugadas para chegar ao educandário, tendo alguns que sair de suas residências em torno de quatro e meia, cinco horas da manhã para chegar à escola as oito horas, já pensando na viagem de retorno, com isso acarretando um certo desânimo no trabalho docente. Ainda assim, diante do professor está o aluno, que também viaja para chegar à escola e necessita de atenção do professor, tendo seu aprendizado naquele momento a mercê do trabalho docente, e naquele momento é à esta instituição que compete.

Para isso, pensar uma educação que contemple as necessidades do jovem do campo e de quem está a trabalhar nesses contextos é necessário, considerando suas

realidades, partido de uma prática que efetivamente fortaleça a identidade do camponês e que o faça pensar que o território ao qual pertencem é um espaço de vida, mesmo diante das dificuldades que enfrentam cotidianamente para estar na escola e permanecer no território. Pensar a perspectiva da Educação do Campo, que traga para a escola as especificidades do campo, com respeito a quem está nesse ambiente.

3. JUVENTUDE DO CAMPO: OUTROS SENTIDOS PARA A ESCOLA

A saída dos jovens do campo, seja pelas difíceis condições de vida nesses espaços, seja para buscar por qualificação, representa uma questão social que necessita um olhar diferente do poder público, pois, reduzidas são as ações para sanar as dificuldades que os jovens, moradores do campo, enfrentam para qualificar-se profissionalmente, sendo essa problemática um dos motivos da saída dos jovens do ambiente rural, sem contar nas possibilidades que os jovens visualizam quanto ao retorno financeiro imediato, ou seja, mensal, fora do ambiente rural.

Nesse sentido, é necessário pensar uma educação voltada para os jovens do campo que atenda suas necessidades e que contribua para melhores condições de vida, permitindo, ao jovem, autonomia frente as suas decisões. Para isso, à escola cabe contextualizar o ambiente em que está inserida, assim como a realidade do aluno, pois o educando deve sentir que escola faz parte de sua realidade, que a mesma é importante para suas tomadas de decisões.

Estratégias futuras, como cursos técnicos e universitários, através da pedagogia de alternância, poderia contribuir para a formação dos jovens do campo, para que, ao se tornarem independentes, os jovens possam escolher permanecer no campo, alicerçados por uma formação, visto que nesse período da juventude, os jovens estão construindo e planejando o futuro, mesmo sendo dependentes, normalmente subordinados aos pais. É perceptível que está cada vez mais reduzida a renovação de lideranças camponesas, resultando no esvaziamento do campo, e se a escola a que estão inseridos trabalha em uma perspectiva urbana mais reforça essa realidade.

Todavia, se a escola trabalhar em uma perspectiva da educação do campo, poderia contribuir para que o jovem refletisse sobre sua pertença ao campo, e desta forma, a escola estaria contribuindo para o desenvolvimento do território, partindo do incentivo quanto a organização e ao trabalho coletivo, entre os moradores e a escola. Diante disso, talvez o processo de evasão rural fosse menor, pois os laços de amizade e parceria entre o jovem, a escola e a sociedade local faria o jovem pensar em permanecer na localidade, pois, por ele, seria levado em consideração a satisfação de estar morando e convivendo junto a sua comunidade.

Para tanto, à escola caberia organizar metodologias diferenciadas para trabalhar e dialogar com seus alunos, através de alternativas de lazer, aprendizado e valorização do território local, onde o trabalho realizado pelas famílias dos jovens fossem contextualizados com os conteúdos escolares, construindo assim, uma visão diferente para o jovem em relação à sua possível permanência ou saída do campo. Ao trabalhar dessa forma, os alunos poderiam ser mais ouvidos pela escola, pois os mesmos sentem e almejam por uma escola que tenha sentido para eles, que dialogue com suas realidades, conforme fala de dos próprios alunos, demonstrado nas redações apresentadas neste trabalho, ao sugerir aulas diferenciadas, melhorias da estradas, condições de transporte, pois ao não serem ouvidos pode nos levar a pensar que são dificuldades de aprendizagem, quando pode ser a consequência da falta de vínculo da escola com as vivências cotidianas dos estudantes, para que a escola fizesse mais sentido para aquele território.

Quanto a permanecer ou sair do campo, é um acontecimento, muitas vezes inevitável, no entanto, à escola cabe conscientizar esse jovem, sobre sua participação e contribuição na sociedade, que, estejam onde estiverem, poderão defender os direitos das populações camponesas, através da manutenção de suas identidades e valores trazidos do campo e da família. A responsabilidade do dilema do jovem entre ficar e sair do campo não pode ser atribuída somente à escola, pois existe um conjunto de ações que envolve o sistema em geral, quando este não fornece aos diversos povos o que lhes é de direito em seus ambientes de origem.

THE ROLE OF THE EDUCATION ON THE CHOICES OF THE RURAL POPULATION: STAYING OR LEAVING THE RURAL

ABSTRACT: This research was based on the conceptions of students of “Aracy Vieira do Amaral Municipal School”, as well as of people resident in "Educandário territory", that is located in the sixth district (Touro Passo) in Rosário do Sul – RS / Brazil. This study aimed to investigate of the role of school on the stay of young people from the rural, considering the aspects that lead these actors to make this decision. The method used was based on the applied of questionnaires and informal conversations (young and adult people, aged between 13 and 45 years old - residents and non-residents in tue locality). The informations were contextualized, where the social processes that lead the people to leave or stay the rural (study, work and income, for example) will be discussed abording the potential of school to interfere or not in this process. Thus, we have collected data from the daily observation of school, as well as from the community dynamics. During the research, it was possible to identified the distance between the school and the daily themes related to the young students. We concluded that this relation between the school dynamics with community is necessary for the self-recognizing of people and. Furthermore, the school had potential to become itself a important place to discuss the community problems, as well as the choices of the students and stay or non-stay the rural.

Key-words: staying in the rural - leaving the rural - school meaning - rural work

4. REFERÊNCIAS:

ALVES, Eliseu. **Migração rural e Urbana, Agricultura familiar e Novas Tecnologias: Coletânea de Artigos Revistos**. Editor técnico, Eliseu Alves. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2016.

ARROYO, Miguel G. **Do trabalho e das lutas no campo para a EJA – que radicalidades afirmam?** 2017.

Brasil. Conselho Nacional de Educação\ Câmara de Educação Básica. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução nº 1 de 03 de abril de 2002.

Brasil. Congresso Nacional. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394\96.

BRASIL/SEPLAN. Educação Fundamental: Relatório Final. PROPOSTA DE ESTUDOS SOBRE ALTERNATIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SEMI-ÁRIDO COM ÊNFASE NA MUNICIPALIZAÇÃO. GRUPO DE TRABALHO DE RECURSOS HUMANOS. Recife, setembro/1994. Apud GERALDI, C. M. G.; **A Cartilha Caminho Suave não morreu: MEC lança sua edição revista e adaptada aos moldes neoliberais**. In: Esteban. (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: R. P. & A Editora, p.113, 1999.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do Campo. In: CALDART, Roseli Salette. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica a saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

GONZAGA, José Guilherme Franco. **Possibilidades Educativas nas ações coletivas do MST — Reflexões Teóricas e Epistemológicas**. Dissertação de Mestrado - Niterói, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola - Teoria e Prática**. Editora Alternativa. 5 edição. Goiânia. 2004.

LOPES, J. Sergio Leite. O Poder do Atraso - Ensaio de Sociologia da História Lenta José de Souza Martins. **Folha de S. Paulo – O moderno e o arcaico**. (01/05/1995). Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/01/caderno_especial/13.html

MEDEIROS, M.; SOUZA, P. H. G. F.; CASTRO, F. A. **A estabilidade da desigualdade de renda no Brasil, 2006 a 2012: estimativa com dados do imposto de renda e pesquisas domiciliares**. Ciência e Saúde Coletiva, v. 4, n. 20, p. 971-986, 2015a.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

OLIVEIRA, M. S. F. B.; QUADROS, G. A. P.; VELOSO, S. F.; **Relatório de Projeto Interdisciplinar: O trabalho como princípio educativo**. Curso Educação do Campo. UNIPAMPA. Dom Pedrito-RS 2017 (mimeo).

PERIPOLLI, Odimar. O Processo de esvaziamento do Campo entre jovens camponeses: Os desafios colocados à escola. **Revista da Faculdade de Educação**. Ano IX nº 16 (Jul./Dez. 2011) Disponível em: http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_16/artigo_16/77_93.pdf

TOLEDO, Eliziário.; TONI, Fabiano. Existe um processo de esvaziamento populacional nas regiões rurais brasileiras? In. **COLÓQUIO – Revista do desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 13, n. 1, jan./jun. 2016.**

Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/381/319>

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo, 1990.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2004.

5. APÊNDICES:

QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa de conclusão de curso – TCC, sendo este, Especialização em Educação do Campo pela Universidade UNIPAMPA, onde tem por objetivo identificar o papel da escola na permanência ou não do jovem no campo, sendo assim, você que possui ou possuiu vínculo com escola do campo e com o ambiente rural é convidado a participar respondendo as seguintes questões.

• **Nome:** _____

• **Idade:** _____

• **Escolaridade:** _____

• **Residência:**

() Campo

() Cidade

• **Frequenta a escola:**

() Sim

() Não

• **Você considera a vivência escolar para sua vida como:**

() Essencial

() Importante

() Irrelevante

- **A escola contribui ou contribuiu para sua realidade afetiva e profissional:**

() Sim () Não

- **A escola contribui ou contribuiu para a sua permanência ou não no campo:**

() Sim () Não

- **Qual dos temas listados abaixo você considera que seja mais importante de ser abordado na escola do campo, além dos conteúdos:**

() Assuntos relacionados à realidade do campo, (trabalho realizado no campo)

() Assuntos relacionados à realidade da cidade, (trabalho realizado na cidade)

() Futuro profissional dos estudantes

- **Você considera que a escola do campo, que você frequenta ou frequentou, aborda assuntos relacionados com a vida no campo:**

() Sim () Não

- **Para você, a escola do campo que você frequenta ou frequentou, contribui para:**

() O seu futuro profissional

() Ajudar nas atividades do cotidiano em relação ao trabalho realizado por você

() Não interfere no desenvolvimento de suas atividades

- **Você percebe alguma relação dos conteúdos visto na escola com o seu cotidiano no campo:**
 Sim Não

- **Em relação ao seu futuro, você pretende:**
 Continuar os estudos e morar na cidade
 Continuar os estudos, morar e trabalhar na cidade e de vez em quando visitar o campo
 Concluir Ensino Fundamental e morar no campo
 Concluir Ensino Médio e morar no campo

- **O que você prefere:**
 Frequentar à escola Trabalhar nas lidas do campo

- **Quando não está ou não estava na escola, qual atividade mais gosta ou gostava de fazer:**
 Trabalhar (lidas de campo, lavoura, casa) Passear na cidade

- **Você considera que tem mais coisas boas ou ruins para o jovem no ambiente rural:**
 Boas Ruins Nenhuma das duas

- **Numere de 1 a 3, conforme a sua preferência, as melhores coisas de ser jovem no ambiente rural:**
 Frequentar a escola, estudar
 Trabalhar, participar das atividades campeiras (lidas de campo/casa)
 Aproveitar a vida, se divertir (bailes/festas)

- **Na sua opinião, qual a pior coisa para o jovem morador do campo:**

() Ir para a escola

() Trabalhar nas atividades campeiras (campo/lavoura)

() Retorno financeiro

() Não tem nada ruim

- **Para você, o que é mais importante ao ser jovem morador do campo:**

() Estudar

() Trabalhar

- **Na sua opinião, qual o melhor lugar para morar:**

() No campo

() Na cidade

- **Em relação ao trabalho, ao emprego, onde você prefere:**

() No campo

() Na cidade

- **Se pudesse escolher, independente da questão financeira, onde escolheria morar:**

() No campo

() Na cidade

- **Abaixo, opcionalmente, escreva alguma consideração em relação às questões acima:**
